

## ***Che rog pypia aje katu!* A linguagem da casa-longa Guaraní no século XVII<sup>1</sup>**

*Che rog pypia aje katu! The language of the Guaraní long  
house in the 17th century*

Francisco Silva Noelli<sup>2</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v22i48.825>

**Resumo:** Este artigo reúne 553 palavras e frases da linguagem Guaraní sobre a moradia e a casa-longa, registradas por Antonio Ruiz de Montoya no início do século XVII. A produção e o uso dessas casas-longas são práticas de sociabilidade transmitidas entre as gerações e que expressam materialmente ações de colaboração, consideração e a conexão entre as pessoas e o meio ambiente. Trata-se de uma fonte para pesquisas históricas, antropológicas, arqueológicas e linguísticas, útil para as gerações mais novas dos povos originários e as pessoas interessadas pelos conhecimentos arquitetônicos e os modos de vida ancestrais dos Guaraní.

**Palavras-chave:** residência; conhecimento arquitetônico Guaraní; língua Guaraní.

**Abstract:** This article gathers 553 words and phrases from the Guaraní language about dwelling and the longhouses, registered by Antonio Ruiz de Montoya in the early 17th century. The production and use of these longhouses are practices of sociability transmitted through the generations and that express material actions of collaboration, consideration, and the connection between humans and the environment. It is a source for historical, anthropological, archaeological, and linguistic research, useful for the younger generations of the native peoples and for those who are interested in the architectural knowledge and ancestral ways of life of the Guaraní.

**Keywords:** household; Guaraní architectural knowledge; Guaraní language.

---

<sup>1</sup> Muitas publicações tratam da arquitetura e das formas de moradia Guaraní, a exemplo de Watson (1955); Schaden (1974); Perasso e Vera (1988); Costa (1993); Ladeira (1992); Costa e Ladeira (1997); Malhano e Costa (1986); Mascaró (1997); Carrinho (2010). Essas publicações são referências para outras publicações sobre o tema, não citadas aqui por falta de espaço.

<sup>2</sup> Centro de Arqueologia (UNIARQ), Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

## 1 INTRODUÇÃO

Pa el pa'í Bartomeu Melià

A casa-longa foi um lugar central na sociabilidade Guaraní, abrigando coletivos consanguíneos ou não, que poderia somar centenas de pessoas sob um único teto. No presente, ela foi substituída por moradias independentes, distribuídas nas terras dos **teko'á**. A única construção no presente com estrutura e tamanho proporcionais aos da casa-longa é a **opy**, a casa cerimonial de uso comunitário. Apesar da importância da casa-longa, ela é pouco conhecida pelos **jurua** (os não-Guaraní), cujas publicações mostram mais sobre a residência a partir de 1940. Mas tal situação pode ser mitigada pela interdisciplinaridade, considerando uma linha de pesquisa sobre as práticas e conhecimentos transmitidos entre as gerações, orientada pela linguagem da moradia, cujo vasto conteúdo conecta passado e presente, permitindo relacionar fontes arqueológicas e escritas com a memória das comunidades atuais. Uso casa-longa para não confundir com o termo “casa grande”, usado no Brasil para significar as residências das propriedades rurais dos colonizadores europeus.

Assim, este artigo é um experimento que articula 553 palavras e frases, organizadas como um relato etnográfico. Trata sobre os aspectos materiais, ecológicos, estéticos, arquitetônicos, reunidos por Antonio Ruiz de Montoya em dois dicionários no começo do século XVII, constituindo os registros mais completos sobre a taxonomia da arquitetura feitos por um **jurua**. E também mostra algumas referências sociais e políticas intrínsecas à constituição da residência, formada por constelação de relações ligadas uma a uma, desde a esfera individual até as aldeias articuladas em “conjuntos multicomunitários com limites flexíveis e, sobretudo, sem centro” (semelhante ao modelo Tupinambá, cf. Fausto [1992]). Mas não se aborda aqui o parentesco, as formas de agregação político-sociais e a complexidade das ações do casal-líder da casa-longa (aliás, um tema que precisa ser investigado).

Essa linguagem guardou os significados de domínio comum usados pelos Guaraní, marcando o legado de compartilhar conhecimentos a cada nova construção ou reforma. A sua importância é notória em qualquer **teko'a**, bastando conversar com os Guaraní para compreender imediatamente a proficiência sobre

componentes estruturais, matérias-primas, técnicas construtivas e geometria, como evidência do seu **ñande reko** (“modo ser”). Também pode ser contrastada e comparada para compreender práticas comuns compartilhadas com outras populações do tronco linguístico Tupí, onde a língua Guaraní é filiada, cujos registros se acumulam desde o século XVI (dos quais serão usados aqui as referências dos Tupinambá).

As definições de Montoya serão citadas abreviadamente, por economia de espaço: 1) T:1, V:1 (*Tesoro de la lengua Guaraní*, 2011, página 1; *Vocabulario de la lengua Guaraní*, 2002, página 1, conferidas com as edições de 1639 e 1640); M:1 (*Tesoro de la lengua Guaraní*, 1639, página 1). As palavras Guaraní são destacadas com negrito, enquanto as traduções estão em itálico: **óga ypyguazu** T:455 *casa capaz*.

## **2 ÑANDE REKO E RESIDÊNCIA**

A importância e o significado do modo de residir Guaraní são representados aqui a contrapelo (LÖWY, 2011), desconstruindo o relato de um colonialista que tentava transformar as práticas daqueles que formaram a redução de San Ignacio Guazú, no sudeste do Paraguai. A pretensão do missionário era convencê-los a mudar para reorganizar os espaços familiares e sociais, tentando enfraquecer a liderança político-espiritual, eliminar a poligamia e as festas. Em 1613, Roque González revelou aos superiores o temor da atitude crítica dos Guaraní, que poderia inviabilizar a estratégia dos jesuítas para se instalar no território ainda não derrotado pelos escravagistas espanhóis de Assunção:

[...] habiendo de hacer pueblo de estos... indios, nos pareció lo hiciesen con buen orden para irlos poniendo en policía [= vida social europeizada] y quitar muchos inconvenientes que hay en esas casas largas, que tienen los indios en toda la tierra, y aunque entendimos que no lo tomarían bien, por quererles quitar eso tan antiguo de sus antepasados. (GONZÁLEZ, 1994, p. 36-37)

González destacou dois aspectos recorrentes da materialidade Guaraní: 1) padronização conceitual (“casas compridas que têm os índios por toda a terra”); 2) práticas ininterruptas do **ñande reko**, o “nosso modo de ser” (“isso tão antigo [essa herança] dos seus antepassados”). O relatório revela a estratégia para desestruturar o espaço e modificar as relações sociais para “afastar\retirar os

muitos inconvenientes” da “tradição certa”, como explicou em 1613 Diego de Torres (1927a, p. 334), o chefe de González, resumindo objetivamente uma das principais facetas do *ñande reko*: “los más antiguos de estos indígenas refieren como tradición cierta, no interrumpida por la larga serie de sus antepasados y comunicada siempre a las nuevas generaciones”.

Torres, ao explicar a reprodução do mito de Sumé, mostrou como funcionava a transmissão de conhecimentos entre os Guaraní, algo semelhante aos princípios da noção de persistência (SILLIMAN, 2009), não significando imutabilidade, falta de mudanças, tampouco passagem do tempo ou meramente antiguidade. A noção refere a contínua articulação “[...] intencional de certas práticas e identidades relativas à luz de novas economias, políticas e realidades sociais [...] unindo efetivamente passado e presente numa dinâmica e inquebrável trajetória” (PANICH; ALLEN; GALVAN, 2018, p. 11-12). O relato de González revela o temor de que os Guaraní não transformassem o seu sistema habitacional, porém ele se enganou e, no fim das contas, “no fue así: antes lo tomaron muy bien, y están muy contentos en sus casas nuevas; a las cuales se pasaron aún antes de estar acabadas”. Este é um exemplo de articulação de práticas e interesses estratégicos que levou aqueles Guaraní a repensar a espacialidade das relações sociais sem abandonar outros pilares do *ñande reko*: a colaboração e a consideração.

A linguagem registrada por Montoya abarca as relações sociais, evidenciando um amplo espectro de articulações de consanguinidade e afinidade, como política para estabelecer os lugares onde “vivía a linhagem” (SUSNIK, 1979, p. 18). A casa-longa é uma representação materializada dessas relações e afinidades na formação, manutenção ou dissolução da coabitação local e da constelação de aldeias. Os registros mostram a casa-longa como um dos centros de atuação das comunidades de práticas, viabilizadas no princípio da colaboração. Conforme enfatizou Melià (1996), o reconhecimento do *potyrõ*, das práticas comunitárias Guaraní

[...] resultaría parcial e incoherente si se dejara de lado las formas de cooperación con que son realizados la mayoría de estos trabajos. Para el Guaraní ciertas actividades son casi impensables si no es en la forma de colaboración común. (p. 196).

O princípio da colaboração pode ser considerado como um item da “política de consideração” (KELLY; MATOS, 2019), já abordado por mim e Marianne Sallum

em situação análoga (SALLUM; NOELLI, 2021). Trata-se de “agir pensando no outro”, onde não ser considerado ou não ser uma referência para o outro seria igual perder ou anular a própria humanidade. A política de consideração envolve “a interdependência de pessoas alternando suas posições como causas dos atos do Outro e agentes com outras causas em vista” (KELLY; MATOS, 2019, *s.p.*). Toda ação é uma interação, inclusive com os inimigos, onde uma relação fortalece a outra, superando a definição restrita de quem age e de quem é levado à ação (DESPRET, 2013). A consideração também significa “cuidado”, “olhar”, e “pensar em alguém ou em alguma coisa de uma maneira particular”, uma tríade que permite explorar contextos onde “ser objeto de consideração” evoca “estar sob o cuidado”, “ser visível” ou “estar no pensamento de alguém” (KELLY; MATOS, 2019, *s.p.*). Enfim, a colaboração e a consideração eram vitais enquanto havia aliança e afinidade, como notou Diego de Torres (1927b, p. 17), em 1609: “es jente que no haze mal a nadie sino les hacen mal, pero es jente muy baliente, muy amigos de sacerdotes, es jente muy caritativa principalmente con los extranjeros”.

### **3 A DEFINIÇÃO DA CASA-LONGA**

A materialidade da casa-longa consta em registros arqueológicos, escritos e na memória Guaraní (NOELLI, 1993). Trata-se da sede residencial, compartilhada com outras estruturas de ocupação temporária em áreas diversas nos *teko’as*. A casa-longa Guaraní foi produzida por aproximadamente 1800 anos, conforme registros arqueológicos (BONOMO *et al.*, 2015).

A casa-longa caracteriza-se por mostrar “palha e madeira”. Cabeza de Vaca (1906, p. 190-191), na sua viagem do litoral de Santa Catarina a Assunção do Paraguai em 1541, “fue caminando por la tierra pasando por muchos lugares de indios de la generación de los Guaraníes... Todos los indios de los lugares por donde pasaron haciendo el descubrimiento tienen sus casas de paja e madera”. Em 1545, Francisco de Andrada (1941, p. 415) referiu que os Guaraní de Assunção do Paraguai “vivian y viven cada uno con sus parientes, todos juntos en una casa”. Em 1629, Justus van Suerck (1963) relatou:

[...] sob um mesmo teto se encontra, muitas vezes, de 100 a 200 indígenas, sem contar as mulheres e as crianças. Não tem chaminés, nem janelas, nem paredes intermediárias. Algumas aberturas, feitas na parede externa,

servem como portas. Um teto oblongo, estreito e baixo cobre toda essa multidão. (p. 79).

Essa citação representa a prática residencial compartilhada pelos falantes de aproximadamente 50 línguas da família Tupi-Guaraní (RODRIGUES; CABRAL, 2012), conhecida desde o caso Tupinambá (MÉTRAUX, 1928; FERNANDES, 1963).

As dimensões, particularmente o comprimento da casa-longa, resultavam da quantidade de moradores. Contudo, definir a demografia residencial colonial é uma tarefa complexa. Bartomeu Melià (1986) sugeriu um método hermenêutico e semântico para estimar o número de habitantes nos registros coloniais, considerando que o termo “índio”

[...] equivale a indio varón con su mujer e hijos, siendo sinónimo de fuego o familia nuclear; otras veces, el indio significa el tributario o el súbdito de un cacique, como también pieza de servicio; en todos estos casos, no incluye los niños, ni las mujeres ni los viejos... es por esta razón por la que se hace corresponder, en los cálculos de época, a cada indio cuatro almas, por lo menos. (p. 70).

Contudo, considerando as famílias poligâmicas, a conta sempre será complexa, com tendência para números mais elevados, conforme Ruy Díaz de Guzmán em 1612 (2012, p. 329): “entendiéndose cada fuego, por un indio con su mujer e hijos, aunque siempre corresponden a mucho más”. Logo, uma casa-longa com 100 “índios” teria um mínimo de 400 pessoas e uma com 200 teria cerca de 800, considerando números conservadores, sem poligamia.

Não foi à toa que D’Orbigny (1839, p. 190) descreveu que “[...] uma família inteira vive sob o mesmo teto, cada casa parece conter uma aldeia” (Tradução própria)<sup>3</sup>. Ele repetiu um relato anterior, de 1673: “casas... alongadas e, com tal magnitude, que às vezes uma sozinha constitui uma aldeia” (Tradução própria)<sup>4</sup>. Sobre os Avá Guaraní (Chiriguanos), no final do século XVI, as casas teriam até “150 pasos, a dos aguas, con estantes en el medio sobre que se arma la cumbreira” (LIZÁRRAGA, 1909, p. 552). A medida do passo equivale a 82 cm, logo 150 passos equivalem a cerca de 123 metros.

<sup>3</sup> “[...] une famille entière vit sous le même toit, chacune représéente presque la contenance d’un hameu.”

<sup>4</sup> “[...] domus... oblongās ædificant, tanta plerum que magnitudine, ut una domus pagum conficiat”. (cf. Techo [1673, p. 134]).

Em 1541, Cabeza de Vaca invernou no Estreito, perto da aldeia da Cotia, “*á un tiro de pólvora*” da Ilha de Santa Catarina. Nas proximidades registrou cinco *teko’ás*, descrevendo para Oviedo (1852, p. 203) o comprimento de casas-longas: “son estas moradas o casas luengas de a sesenta, y ochenta y a cien pasos” (60 passos = 49,2 metros; 80 p.assos c. 65,5 metros; 100 passos = c. 82 metros). Hans Staden viu as mesmas residências em 1549 (xilogravura A), representando-as na única iconografia quinhentista sobre casas-longas Guaraní (Figura 1, cf. Staden [1557]), semelhantes à *tavyva* Asuriní do Xingu fotografada por Jacques Jangoux em 1978 (foto B). São imagens que serviram como modelos ao desenho de Alexandre Viana (desenho C):

Figura 1- A casa-longa Guaraní e Asuriní do Xingu



Fonte: Elaborado pelo autor.

O espaço residencial define o lugar que abriga: 1) *og T:383, V:92 cosa con que se tapa, paja de la casa, y significa casa, tomando la parte por el todo*; 2) *og T:382 tapar, encerrar*; 3) *tekuáva, tekoháva, óga T:258, 555, V:401 vivienda, morada*; 4) *og asojáva T:383, 384, V:121, 375 techo, cubierta de casa*. A construção de qualquer estrutura e tamanho para morar, equivale a “fazer” o teto: *ajaso’i*

**che róga** V:374 *techar (ajaso'i V:374 tapar)*. O lugar se traduz como **tendáva, ty** T:256, V:56 *lugar, o asiento*; também de onde se pode definir o coletivo: **ty** T:602, 603 *estar, lugar de las cosas, costumbre, compañero (che ty T:603 soy muchos, tengo compañeros)*.

O tamanho da casa-longa era considerado com relação à área interna: **og guýra** T:383 *la capacidad de mi casa (guy, guýra M:379, T:133, 134 debajo, la parte inferior, la parte inferior de la cosa)*. Quando a casa era grande, tanto no volume, quanto na altura: **óga ypyguazu** T:455 *casa capaz*. Quando tinha espaço, pessoas e provisões, diziam: 1) **ijaje ava che rópe** T:20 *bien cabe la gente en mi casa*; 2) **che rog pypia aje katu, che rog pypia heta katu** T:383 *hay mucho en mi casa, y muchos*; 3) **ijaje katu yma che rópe** T:20 *ya tengo mi casa bastante proveída*; 4) **ijaiguerei che rópe** T:16 *abundo em mi casa*; 5) **ogueropara che róga che mba'e** T:58 *abunda mi casa*; 6) **og tekotevẽ'ỹ, og ñemombuka** T:383 *abundante casa*. O conteúdo, o mobiliário da casa: 1) **og po** T:383 *lo que contiene la casa*; 2) **og pypiára** T:474, V:28 *lo que está dentro de la casa, ajuar de casa*. Quando não era proporcional, os moradores ficavam com pouco espaço: **ndijajéi pavẽ upe** T:20 *al repartir no cupo a todos bien*. Talvez a falta de prestígio, pessoas ou alimentos suscitasse expressões, como: **og pyre'ỹ, og pore'ỹ** T:383 *casa vacía*; **ndijaje katúí che rópe** T:20 *no tengo en mi casa lo suficiente*; **ndipypiári che róga** T:383 *no hay nada en mi casa*; **ndipóri che róga** T:432 *está vacía mi casa*.

O espaço era proporcional à sociabilidade, centrada na figura do **og pypia rete** T:383 *dueño de la casa, o morador continuo*, e na sua relação com os **og pypiára** T:383 *los moradores de la casa*, incluindo a\o **tapiára** V:281 *morador antiguo (tapia T:528 cosa ordinaria, común hábito, vecino; teko tapia T:554 costumbre)*. Embora Montoya mencione apenas o gênero masculino, a propriedade, a liderança e a gestão se compartilhava com as mulheres.

A posição dos pilares ordenava a divisão do espaço. O plano de topo da casa forma um retângulo, subdividido por duas linhas de retângulos menores ocupados pelas famílias nucleares, distribuídos ao longo do eixo longitudinal, como entre os Avá Guaraní (Chiriguano): “de estante a estante vive una parentela” (LIZÁRRAGA, 1909, p. 552). O lugar entre as *estantes* (pilares) é o **koty** T:258, 555, V:85, 334, 401 *lugar donde la persona está, puesto, lugar, sitio, aposento, vivienda, morada, cámara* (câmara, equivalente ao “quarto” no Brasil). Os seus moradores diziam:



**che koty** T:258 *mi puesto, o sitio*. E, quando a peça tinha área grande e com pé direito alto, se dizia: **koty ipy guasu** T:259 *aposeno capaz* (volume: **py** T:455 *centro, capacidad, vacío*; altura: **ipymirĩ** T:455 *no hondo*; **ipypuku etei** T:455 *muy hondo*).

As fontes portuguesas falam de espaços similares nas casas Tupiniquim e Tupinambá, representados por uma palavra semelhante: **cotig** VLB 2:18 *lanço, onde hum tem seu agasalhado*, e do **çapupaũ** VLB 2, p. 18 *lanço da casa*. Na língua Guaraní, considerando o lugar de quem fala, o lanço era um espaço intermediário, o “lugar do meio” entre duas pessoas: **pa’ũ, va’ũ** T:398, 618, V:273 *medio entre dos, intervalo, medio entre dos extremos*. No dicionário de Bluteau (1728, p. 35), lanço significa a “extensão, espaço, comprimento de muro, edifício, etc”. Enfim, em termos arquitetônicos, um **koty** equivale ao espaço habitado pela família nuclear e, a casa-longa era o aglomerado de **kotys** distribuídos, conforme dois registros de 1628:

[...] cada una [casa] (y lo mismo usan en todo el Paraguay) es una gran pieza donde vive el cacique con toda su parcialidad, o vasallos que suelen ser veinte, treinta, cuarenta, y a veces más de cien familias; según la calidad del cacique: ni tienen otra división, o apartamento estas casas, que unos pilares que corren por medio del edificio a trechos, y sirven de sustentar la cumbre, y de señalar el término de la vivienda de cada familia, que es el espacio que ay entre uno y otro pilar, una de esta banda, y otra de aquella. (DURÁN, 1929 p. 362-363).

[...] habitan en casas bien hechas armadas encima de buenos horcones, cubiertas de paja, algunas tienen ocho y diez horcones y otras más o [...] menos, conforme el cacique tiene los vasallos, porque todos suelen vivir en una casa, no tiene división alguna toda la casa, está exenta de manera que desde el principio se ve el fin, de horcón a horcón es un rancho y en cada uno habitan dos familias una a una banda y otra a otra y el fuego de entrambos está en medio: duermen en unas redes que los españoles llaman hamacas las cuales atan en unos palos que cuando hacen las casas dejan a propósito y están tan juntas y entretajadas las hamacas de noche que en ninguna manera se puede andar por la casa. (CARTA..., 1951a, p. 166-167).

Não há dimensões específicas dos **koty** do tempo de Montoya, mas existem evidências para uma analogia com o **cotig** Tupiniquim e Tupinambá. Alfred Métraux (1928, p. 47-48) e Florestan Fernandes (1963, p. 70) reuniram dados dos séculos XVI e XVII, com dimensões entre 4 e 6,6 metros no lado maior. As casas Guaraní na atualidade são retangulares e possuem área média constante, com medidas

semelhantes aos Tupiniquim e Tupinambá: 3 x 4, 4 x 6 e 6 x 8 metros (áreas médias de 12, 24 e 48 m<sup>2</sup>). Então se deduz que as dimensões residenciais Guaraní são constantes, seguindo modelos transmitidos entre as gerações. Nicolás Durán, em 1628, como vimos na citação acima, relatou aos seus superiores que “usam o mesmo em todo o Paraguai” para a arquitetura, destacando o tamanho médio adaptado à quantidade de moradores:

Tabela 1 - Tamanho médio adaptado à quantidade de moradores

Número de Famílias	Quantidade de kotys, de cada lado da planta baixa	Koty	
		Largura média: 4	Largura média: 6
		Comprimento total da casa (metros)	
20	10	40	60
30	15	60	90
40	20	80	120
100	50	100	300

Fonte: Nicolás Durán, 1628.

Durán (1628) também mostrou haver relação direta entre os pilares (*horcones*) e o número de **kotys**. Então, o comprimento médio das estruturas das casas, considerando a largura mínima de quatro metros, seria:

Tabela 2 - Relação entre os pilares e o número de **kotys**

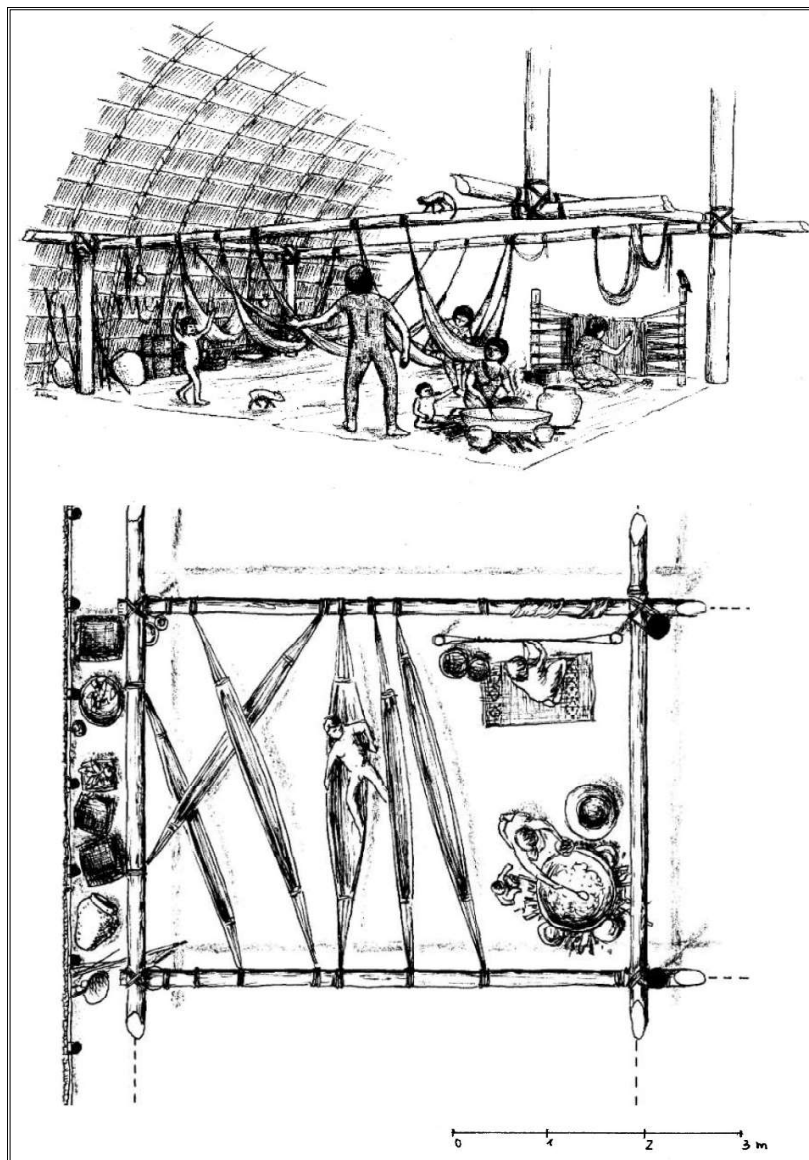
Número de pilares	Número de kotys	Comprimento das casas em metros
8	7 (duas linhas = 14)	7 X 4 metros de largura = 28
10	9 (duas linhas = 18)	9 X 4 metros de largura = 36

Fonte: Nicolás Durán, 1628.

Assim encontramos variáveis para definir a área média do koty e a relação do seu tamanho com o número de moradores. Aqui seria muito importante ouvir as memórias dos Guaraní, informações decisivas para definir melhor esse conhecimento. Números “preliminares” oferecem um parâmetro inicial: uma casa com 400 moradores e 30 **koty** teria entre 60 e 90 metros de comprimento. A conta pode ser simples:  $400 \div 30 = 13,3$ . Se dobrarmos a quantidade de moradores, teremos 60 **kotys** ( $800 \div 60 = 13,3$ ). Mas se deveria desenvolver equações mais complexas, conforme outras informações demográficas, inclusive com variáveis

para considerar a inclusão de famílias poligâmicas e outros modos de dividir o espaço (algo a ser desenvolvido futuramente). O número 13,3 não é constante, mas uma hipótese de referência para outros cálculos, conforme os dados disponíveis.

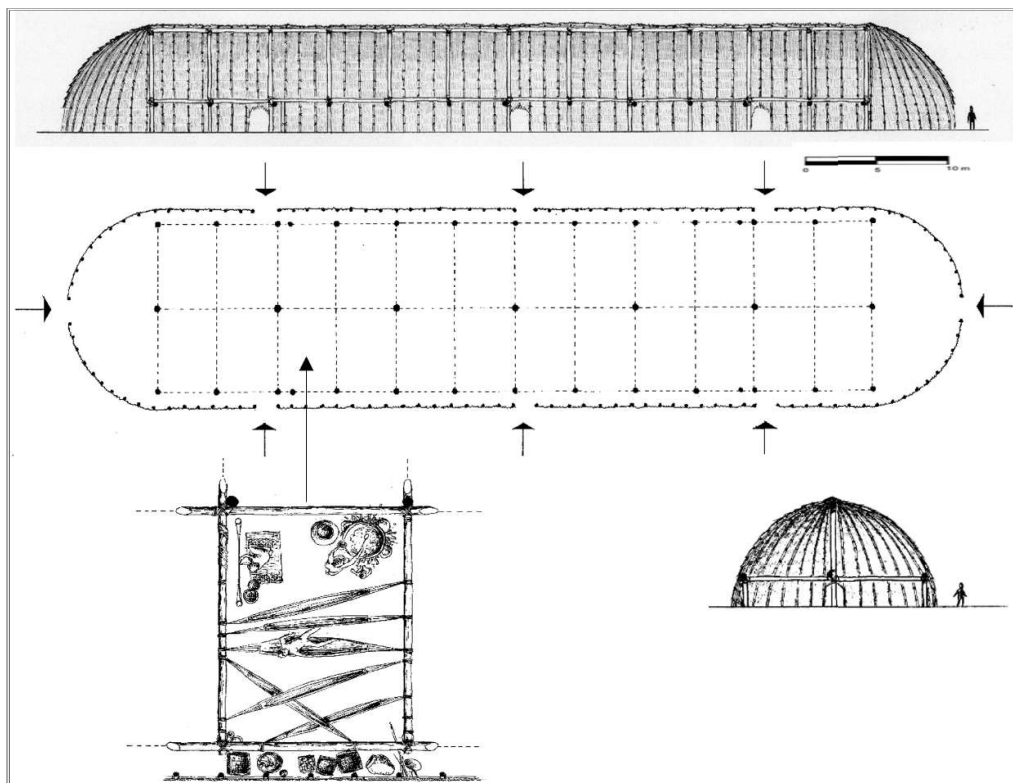
Figura 2 - Koty



Fonte: Desenho feito por Alexandre Viana, 2021

As dimensões médias também podem ser calculadas a partir das referências de Durán (1628), como mostra a figura 2. Por exemplo, a estrutura retangular de uma casa com duas linhas de 12 *kotys* de 4 metros de largura teria cerca de 48 metros de comprimento. Ao retângulo se deve somar cerca de 16 metros, para incluir os extremos semi-esféricos. A altura média seria 7,3 metros, considerando o topo da cumeeira, para a cobertura ter a curvatura representada abaixo. A largura média seria 16 metros. A área da planta baixa dessa casa-longa teria de aproximadamente 953 m<sup>2</sup>; o volume seria 5.798 m<sup>3</sup>; e a área da cobertura teria aproximadamente 1.171,3 m<sup>2</sup>, como representa a figura 3 (ver cobertura da casa, mais abaixo).

Figura 3 - Distribuição espacial dos *kotys*



Fonte: Desenho feito por Alexandre Viana, 2021

*Koty* também é radical de proximidade, amizade, parentesco, afinidade e pertencimento: 1) *koty kotýramo* T:259 *estando cerca*; 2) *jekotyaha tapia, kotyĩ*

T:209, 259 *amigo antigo*; 3) *kotyĩ, jekotyaha, kotyaha, mu* T:209, 259, 321, V:37, 152, 195 *amigo, amistad, parentesco, familiar, deudo*; *che kotyguára* T:259 *los de mi bando, o parcialidad* (*guára, yguára* T:127, 636, V:307 *pertenecer a cosas, personas y tempos, patria, parcialidad*). São aqueles que compartilham a casa, sem serem necessariamente parentes: 1) *che rogyguára, che ropeguára* T:128 *los de mi casa*; 2) *che rog amoño'é y tekuára* T:35 *mi casa es común para todos*. Mas também inclui parentes e linhagens: 1) *ogpeguára* V:195 *familia*; 2) *che ropeguára* T:383 *mi familia*; 3) *og ijára* T:383 *padre de famílias, madre de familias*; 4) *che re'yi, che josuamoguára, che ñemoñãngáva, che añambeta* T:578, V:195 *mi familia, mi linaje, mi parcialidad* (*añambete, anãte'e* T:578, V:195, 308 *pariente verdadero*; *anã, amõ, anãma, tu ja'og* T:39, 594, V:308 *pariente*; *che anã tee* T:542 *mi pariente verdadero*); 5) *te'yi* T:578 *compañía, parcialidad, genealogía, muchos* (*te'yiupáva* T:578 *lugar público, lugar de muchos*); 6) *ñemoñãngáva* T:319 *generación, casta*.

O compartilhamento se estendia para fora da casa, multiplicando as redes de sociabilidade, tanto por consanguinidade, como por afinidade com amigos e “chegados” (*deudos*). Parente distante e conterrâneo eram sinônimos: 1) *hetarã* T:169 *pariente lejano, compatriota*; 2) *che retarã mbeta* T:169 *mis parientes, los de mi pueblo*; 3) *tetarã* T:574 *dicen a todos sus parientes lejanos, y a los que son de su nación*; 4) *che retã rã, marãnunga* V:308 *pariente lejano*; 5) *marãnunga* T:300 *pariente de afinidad, y de consanguinidad*; 6) *che mu* T:321 *mi amigo, o deudo*.

As relações seriam:

1. entre as casas da aldeia: *che retãmbyguára, che retãmeguare* T:128, 574 *los de mi pueblo*; *che retãmegua* T:542 *es de mi mismo pueblo* (*ta, táva, tetãma* T:519, V:99, 256, 333 *pueblo, ciudad, lugar, o pueblo*; *che táva, che retãma* T:34, 519 *mi pueblo*; *tetã* T:574 *pueblo*; *che retã* T:574 *mi pueblo*); *ambýi jog, ambyog* T:39, V:394 *vecindad, vecindad de la casa, casa que está al lado*; *ambyijogyguára* V:96, 256 *cercano vecino, conjunto, lugar vecino a otro*; *che ambýi jogyguára* T:39 *mi vecino*; *che ambýi jog* T:39 *la casa que está pegada a la mía* (*ambýi* T:38 *lado, costado*; *amboypy* T:38 *la otra banda*).

2. entre aldeias, formando constelações: *ta veta* T:519 *muchos pueblos*; *kapya* T:239) *casas circunvecinas a pueblo grande*; *amunda* T:36 *la vecindad de pueblos pequeños*; *amundavyguára, amundára* T:36 *vecinos*

*en aldeas cerca de pueblos grandes; oñoamunda táva oikóvo T:36 están los pueblos cercanos unos a otros; oroñoamunda T:36 acercámonos unos a otros con las casas, o vivienda; añeamunda hese T:36 poner su casa, o pueblo, cerca de otro; amundáva V:256, 334 lugar vecino a otro, pueblo vecino de otro, y casas apartadas.*

A diferença entre as aldeias já formadas e as aldeias menores ou sendo estruturadas é específica. O morador diria **che kapyavyguára** T:239 *soy aldeano*, ou alguém diria **tavyguára, ta mirĩ yguara** V:31 *aldeano*. A diferença entre os dois lugares seria a estrutura da residência, parecendo ser a “choça” e a “cabana” mais simples e menores que a **og**, em áreas de roças novas ou de expansão para um núcleo residencial novo, a partir de uma aldeia antiga: 1) **kapyá** T:239 *choza, casa en la chácara*, ou *casas circunvecinas a pueblo grande*; 2) **kog apyáva** T:254 *choza de la chácara*; 3) **kapyáva, amunda** V:80, 127 *cabaña, choza (amunda, no sentido de vinhança e proximidade das moradias)*; 4) **che kapyáva** T:239 *mi choza, o cabaña, o aldea*. Talvez, construísem uma **op apu’a** T:383 *casa redonda*. E as estruturas provisórias seriam a **tapýi, che tapýi** T:529, V:127 *choza, mi choza* e o **tejupa** T:544, 578, V:159 *ranchería, el rancho por los caminos, dormida, rancho*. O **tapýi** também pode definir as estruturas anexas da casa-longa, como áreas para depositar coisas e para atividades cotidianas, como cozinhar, tecer, fazer vasilhas cerâmicas e conviver, sem paredes ou tendo apenas um quebra-vento.

A proximidade ou afastamento das casas: **che rog rovái ahẽ róga rĩni** T:590 *su casa enfrente de la mía*; **che ambyopeguára** V:394 *vecino de mi casa*; **oño-ambyogyguára** V:394 *vecinos*. Esses também poderiam ser vizinhos em outros lugares: **oñoamundávae, oñoamundavyguára** V:394 *vecinos en las chácaras*. A circunstância ou a opção poderia ser o isolamento: **mombry oĩ che róga nde rógagui** T:183 *está mi casa apartada de la tuya*; **nache ambýi jógi** T:39 *no tengo vecinos a mi casa*; **nache amundávi** T:39 *no tengo vecinos*. Eventualmente, alguém mudaria de residência: **amosẽ che rógagui** T:511 *despedile de mi casa*. Ou havia quem morasse em várias casas: **heko tetirõ** T:161 *fulano anda de casa en casa, y no es estable en su proceder*.

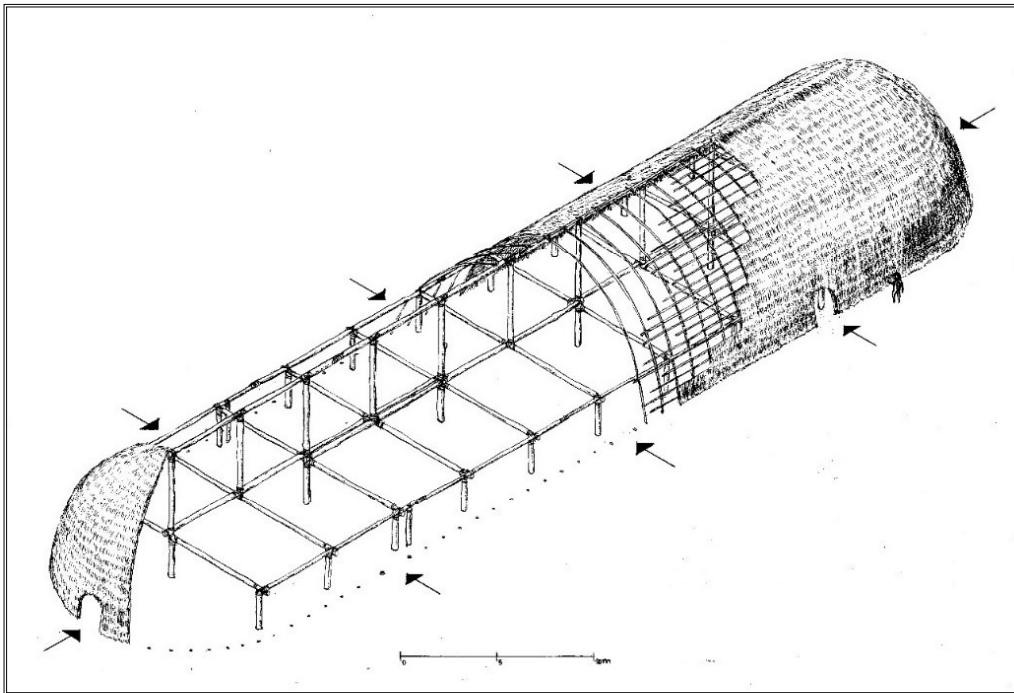
#### **4 FAZER A CASA**

A casa era de um casal-líder, sendo construída coletivamente com os seus futuros residentes. Havia o **og apohára** T:383, V:163 *edificador, albañil, oficial de casas*. Poderia ser para **ajeogvoñã**, **ajeogapo**, **ajokyta'aramo** V:163, 194 *edificar casa, fabricar casa própria (ajeogvoñã V:194 fabricar)*. Em relação ao “saber fazer”, hoje se ouve nos **teko'as**: “todo Mbyá saber fazer casa” (CARRINHO, 2010, p. 29).

A casa-longa era a maior estrutura material feita pelos Guaraní, com uma logística dependente de trabalho colaborativo. A tarefa começa com o **og pepy** T:406 *convite que hacen a los que ayudan a hacer la casa (pepy T:406, V:113 convite)*. O trabalho colaborativo, conforme sugeriu Melià (1996), era o **potirõ** T:431, 450 *poner manos a la obra*, derivado de **po**, cuja etimologia seria *trabajar todos, todas las manos* T:431. Encontramos também **chapotirõ hese** T:431 *pongamos manos a la obra*. E, especificamente: **opotirõ che róga** (M:310) *todos trabajan en mi casa*.

A coleta dos materiais de construção e a sua preparação consumia mais tempo que a montagem da casa-longa, sendo uma atividade dependente do conhecimento local para escolher os itens na paisagem (Figura 4). Eram deslocadas toneladas de componentes para a área da construção. A lista básica era composta por caules de diversos diâmetros para pilares, vigas e tesouras; varas roliças e taquaras para os caibros e ripas do telhado; muitos metros de cipós e fibras vegetais para amarrações diversas; centenas de folhas de palmeira ou hastes de capins para cobrir muitos metros quadrados do teto. Quantos metros cúbicos de madeira? Quantos metros lineares de cipós e cordas trançadas? Quantas folhas de palmeiras ou quilos de hastes de palha para cobrir a cobertura?

Figura 4 - Estrutura e componente da casa-longa



Fonte: Desenho de Alexandre Viana, 2021.

A primeira fase é a definição do lugar: *og rupaguãma* V:366 *sítio para casa* (*guãma* T:127 *nota de futuro y de pretérito*); *che roguãma* T:127 *mi casa que ha de ser*. Depois da conclusão da obra se diria *che rog*, *che róga* T:382, 383 *mi casa*. Por vários motivos, se diria *nache rógi* T:383 *no tengo casa*. Um informe de 1628, sobre a escolha do sítio:

[...] le pasamos [o sítio] en el monte en un mui alto y vistoso puesto donde se han hallado las comodidades que en el primer se deseaban: el agua mui cerca y tanto que pasa por el pueblo en nuestra huerta un manantial y aun dos, la leña muy a la mano y la tierra muy buena para viña. (CARTA..., 1951b, p. 263).

O planejamento da construção poderia ser baseado em outra casa: *ko og yvatekue rehe tosy che róga* T:517 *haz mi casa del tamaño de esta casa*.

A casa era conectada à área da roça (NOELLI *et al.*, 2019): *kog rupáva* T:254 *el sitio de la chacara*. As conexões: 1) *og víara*, *og via* T:383, V:86 *camino que va a*



*la casa, caminho de la casa*; 2) **kog pia, kog viára** V:86 *camino de la chacara (pe, pia* T:399, V:86 *camino; vía, viára* T:621, 622 *por [de camino]*). Da casa e aldeia partiam inúmeros caminhos para outras aldeias, roças, porto das canoas, áreas de caça, pesca e coleta.

O lugar da casa incluía áreas externas: 1) **og rakápe** V:202 *fuera de casa, de oka* T:385, V:202 *fuera, parte exterior, lo de fuera, por fuera, calle*; 2) **che rog okára** T:385 *lo de fuera de mi casa, la calle*; 3) **og rokára** T:383 *pátio*; 4) **oka rusu, oka vyte rusu** T:386, V:323 *plaza*. Ela poderia ser considerada pelo seu tamanho: **oka pyte rusu pa'ũ** T:398 *capacidad de la plaza*. Vemos aqui os termos europeus para “rua” e “praça”, os locais de circulação e atividades ao redor da residência.

O lugar da residência era a clareira no interior da floresta: **aityapýi yvyra, aity, ajoha, aikytĩ** T:604, V:355 *rozar derribando árboles, cortar madera, derribarla; ka'a ñupa* T:230, 231 *aporrear el monte, monte aporreado para hacer chacara (apyrupã, ñupa, yñupa, ainupã* T:77, 354, V:47 *aporrear, ñopã* T:231 *dar porrazos; há* muitos registros sobre cortar e desgalhar árvores). Depois, a vegetação era queimada para limpar a superfície do terreno, como na queima da roça: **ikusugue che kog** T:283 *hase quemado mi roza lindamente*.

Talvez fosse necessário preparar o terreno, nivelando-o: **amboruri yvy** T:505 *allanar la tierra (ruri* T:505 *llano, cosa seguida, continuada; yvy ruri* T:505 *está llano el suelo; yvype vusu, yvype puku* T:648 *llanura*). O terreno desnivelado era: **yvype vype** T:648 *suelo desigual*. Eventualmente, a casa estaria em um lugar naturalmente inclinado\desnivelado, na encosta de um morro, onde o espaço da casa teria o piso nivelado: **yvyty atuape amoĩ che róga** T:655 *puse mi casa en el repecho del monte*.

O local de inserção era examinado e medido para alinhar a instalação das referências espaciais da casa. O verbo medir: **aha'ã** T:140, V:273, 387 *medir, trazar, señalar*. A medida: **ha'ã, ha'ãngáva** T:140, V:272, 273, 387 *medida, traza, señal*. As medidas eram tiradas com linhas e circunferências marcadas no solo: 1) **hai, haiguague** T:143, V:253, 343 *línea, raya, señal*; 2) **ahai iñamãna** T:32, 143, V:99, 343 *rayar haciendo circulo, rayar alrededor, circulo hacer (amã, amãdáva* T:32, V:99 *circulo*). As medidas e marcações eram feitas com varetas: **yvyra'í mba'e ra'ãngáva** V:393 *vara de medir (yvyra'í* T:652, 654, V:393) *palo delgado, varilla*. O ato era **aha'ãha'ã yvyra'í pype** V:393 *varear, medir*. Um exemplo do

uso da vara em medições: **aha'ã ao yvyra ra'ãngáva pype** T:140 *medir ropa con la vara*. Também poderia ser feito com a palma da mão: **che popyso rehe aha'ã, añekuãpyso ha'ãnga** V:273 *medir a palmas* (po **jepyso há'ãnga** V:305 *palmo, medida*). Montoya registrou a braça, como a medida europeia a ser usada entre os Guaraní: **ase jyvapyso mba'e ra'ãnga, ase jyva mokõi jepyso já katu** T:226, V:76, 272 *braza, medida* (che **jyva já pype aha'ã** T:226 *medir a brazas*). A pessoa que definia o plano arquitetônico seria competente: **mba'e ra'ãngijára ekatu** V:387 *ingenioso para trazar*. O resultado seria uma **og imoatyrõmbýra** V:32 *aliñada casa* (**amoatyrõ** V:32 *aliñar*).

Escolher e cortar as madeiras: **og ajeog kyta'a** T:384 *he tronchado, o derribado, palos para mi casa*; **ambojeog kyta'auka ava** T:384 *hago que corten madera para sus casas*. As madeiras procuradas eram conhecidas como **yvyra aguyjei** T:652 *árbol provechoso*, significando várias utilidades, como alimento, propriedades medicinais, matérias-primas e aspectos cosmológicos.

A implantação da estrutura seguia uma sistemática, construída por secções seguindo normas arquitetônicas próprias para **aogkytamoĩ** V:174 *enmaderar casa* (**avyra moĩ** T:653 *enmaderar*). O termo compor, com o sentido de vestir, também poderia ser usado: **amoatyrõ che róga** T:310 *compongo mi casa* (**moatyrõ** T:309 *aderezar, componer*). A construção ou **og kytakue** V:174 *enmaderamiento de la casa*, começava pela implantação dos pilares: 1) **ambookyta che róga, ajytarũ che róga** T:643 *poner pilar, o horcones, a la casa*; 2) **ambovyvy ppy che róga** T:655 *hazer choza, clavando las tijeras en el suelo*; 2) **embovyvy ppy rangẽ** T:655 *clávalo primero en el suelo*; 3) **yvyra' i ijypyty** T:640 *está el palo recio clavado en la tierra*; 4) **ajypyty** T:640 *aporcar, fortalecer al pie el edificio, echar tierra al pie de la cosa* (amontoar e socar sedimento no buraco onde foi inserido o pilar); 5) **ambovyvsog** V:225 *hincar palo, haciendo con él el hoyo*. A base do pilar: **og kyta ppy** T:383 *pié del horcón*.

O pilar era inserido no buraco cavado com o **kotog** T:258 *llaman a un palo abierto por un cuento, por el cual sacan tierra de los hoyos cuando no alcanzan con la mano*. O verbo cavar se traduz como **hyvykói, ahyvykói, ayvyryvykói** T:180, V:94 *cavar, hacer hoyo en la tierra*. A pessoa que cava: **yvyryvykoitára** T:649, V:94 *cavador*. O ato de cavar: **ambokua** T:263 *hacer hoyo*. O buraco se chama **yvykua** T:649, V:229 *hoyo, hoyo en tierra* (**kua, kuára** T:263, V:229 *hoyo*).

As árvores usadas como pilares e outras estruturas eram espécies com caules de formato cilíndrico e reto. Os pilares são chamados **yta**, **ysa** T:643, V:321 *estantes, armazón, pilar, cosa en que otro estriba, columna*. O conjunto de pilares e a estrutura: **ytapa yta** T:644 *los horcones y toda la armazón* (**ysa** T:642, V:328 *árbol sin gajos, o con ellos, pilar, vara sin rama, poste*; **yvyra ysa** T:642 *árbol desgajado, el tronco desde el suelo hasta las ramas*). Os pilares poderiam ser carregados manualmente e os maiores poderiam ser rolados sobre troncos roliços: **amosararã** T:509 *llevar deslizando*; 2) **yvyra mosararãgáva** T:509 *trozos de palo, que ponen debajo de lo que quieren arrastrar*; 3) **sarãndy**, **sarãndýva**, **sarãngy** T:509 *lugar donde están los palos por donde se desliza*.

O topo dos pilares teria forquilhas ou encaixes lavrados para montar a estrutura: **og kyta**, **og ysa**, **og rokyta** T:382, 383, 384, V:283 *horcón, todo horcón*; **hokyta** T:172 *horcón de la casa*. O termo para forquilha natural, que também poderia ser sinônimo de pilar com encaixe no topo: **yvyra akãmby**, **yvyra rakãmby** T:145, 652, 654, V:228 *palo con horqueta, horcón, horcón para casa*.

Aqui é importante destacar que o emadeiramento exigia preparo com entalhes para acertar o encaixe das peças, especialmente onde a distribuição das cargas era crítica. O ato básico da atividade: 1) **añopã yvyra**, **yvyra pã** T:392, 653, V:91 *labrar madera, desbastar, carpintear*; 2) **amoanãgog yvyra** T:40 *desbastar madera*; 3) **amboapoanã** T:40 *labrar vara algo gruesa*; 4) **avyra yke pã** T:653 *labrar el palo por un lado*; 5) **aikupe pã** T:392 *labrar madera por el envés*; 6) **avyra kupe pã** T:653 *labrar por debajo, por el envés*; 7) **avyra ipy pã** T:653 *labrado por de dentro*; 8) **avyra mopẽ** T:653 *hacer esquina al palo*. Dessa forma também se preparava: 1) o topo do pilar para encaixar as vigas: **ahakamby'og** T:145 *abrir horqueta al palo*; 2) o extremo das vigas para serem encaixados, emendados: **ambopope yvyra**, **avyra mbope**, **yvyra pope** T:421, 653, 654, V:165 *empalmar madera*.

O entalhe era chamado de **arukuái** V:284 *muesca* (também traduzido como T:89 *labor de torno*, com o sentido de **kuái** T:266 *cortar, cuello, cosa ceñida*, **ajukuái** T:24 *cuello, cintura de algo*): 1) **amboarukuái**, **amboarakytã** V:284 *muesca hacer*; 2) **yvyra hekýitaguãma** T:24 *hacer muesca al palo para tirar de él*; 3) **amoañái** T:52 *hacer muescas por el cuento de la cosa*; 4) **añái**, **ñañái** T:52, 361, V:284 *muesca de palo, muesca en la punta del palo*; 5) **ambopygua yvyra** T:470 *cortar el palo a la redonda como muesca*.

Todas as madeiras da estrutura eram descascadas por maceração, usando a **yvyra nupãha** T:652, V:272 *mazo, maceta*. Remover a casca: **ajape'og**, **aipirog** T:19, V:117, 340 *quitar la cáscara, quitar corteza, quitar la cáscara con cuchillo, o sin él*; **aipe'og yvyra** T:401 *descascarar [árbol]*; **ajape'arog** V:143 *descascarar*; **ypei katu** V:117 *corteza quitarse bien*. A definição da ritidoma (casca): **pe**, **ype**, **yvyra apekue**, **yvyra apekuéra** T:401, 639, 652 V:92, 117 *cáscara de árbol, corteza de árbol*; podendo ser classificada como: 1) **ype anã** T:639 *cáscara gruesa*; 2) **ype vevúi** T:639 *corcho*; 3) **ype ja** T:401, 639, V:92 *está pegada la cáscara, cáscara muy pegada cáscara muy pegada (que no se quita)*; 4) **ype'i** T:639 *cáscara que se despega*; 5) **oñemboype'i katu** T:639, V:92 [*cáscara que*] *despégase facilmente*.

As partes construtivas eram fixadas amarrando várias espécies de cipós e cordas de fibras vegetais trançadas: 1) **apytĩ**, **hopatĩ**, **añapytĩ** T:81, 172, V:58 *atar (tĩ T:580 atadura)*; 2) **iñapytĩmbýra** V:37 *amarrada cosa*; 3) **momby**, **amomby** T:314, V:58 *apretar, atar*; 4) **amomby tatã** T:314 *atar recio*; 5) **amomby joapy** T:314 *sobre atar*; 6) **añapytĩngatu** V:58 *atar bien*. Conforme alguns relatos: 1) “armaban una casa con sus palos, en los cuales ponían unas raíces que sirven de sogas” (CARTA..., 1951a, p. 212) “están llenos de unas raíces que llaman cipos y guambés que sirven de sogas; y de muchos árboles que desollando-los sacan yvyira de la cual y del guambé se hacen cables y cuerdas como del cáñamo, aunque no tan buenos” (INFORME..., 1951, p. 163). Daí viriam as cordas: 1) **tukumbo**, **sã**, **sãma** T:507, 508, 595, V:114, 367  *cuerda, soga, cordel*; 2) **guembe pi tukumbo**, **guembe pi tukumbo reheguára** T:132, 595, V:367  *cuerda de cáscaras de guembé, soga de cáscaras, cascas de estos árboles con que hacen cuerdas y maromas*. Cordas de casca da **kupa'y** (*Copaifera langsdorfii*), árvore que oferecia longas e resistentes tiras, eram usadas no Mato Grosso do Sul para amarrar as ripas e folhas nos caibros (WATSON, 1945).

A construção iniciava na extremidade, como referência para alinhar a forma retangular da planta baixa: **og ypy** T:383 *el principio de la casa (apy, apýra, ypy, ñypyrũ T:73, 76, 380, 640, V:331 principio)*. Posteriormente, a estrutura poderia ser aumentada conforme o número de moradores, como vimos acima. Ao concluir, se diria: **ipehẽ che róga** T:403 *he acabado un pedazo de mi casa*. E, quando necessário, poderia falar: **ahevirũ che róga** T:503 *continuar la casa, poner otro lance*.

Os pilares eram erguidos manualmente: 1) **ajeog kyta**, **ajeog kyta'a** T:382, 384 *levanto los horcones para mi casa*. Os pilares e outras madeiras da casa eram

erguidos com forquilhas, semelhantes a suportes: **yvyra potĩ** T:449 *palos a modo de aspa para levantar la madera de las casas* (referência a pinças de lagostins **potĩ** T:449, V:86 *camarón, camarones y palos enaspados*; mas por analogia, as pinças eram sinônimos dos paus com forquilhas ou entalhados para serem usados assim: **amopotĩ** T:450 *enaspar palos*).

A referência para alinhar o eixo longitudinal do prédio é o pilar central da extremidade da estrutura, onde a cumeeira era apoiada, servindo como baliza para definir a curva de arqueamento dos caibros: **yvyra karapa ysará teremõ rangẽ** T:642 *poner primero los pilares en que ha de estar el arco*. Os pilares do eixo central: 1) **kyvy** ou **og kyvy** T:288, 383, V:259 *palos sobre que estriban las cumbres, palo sobre quien está la cumbra para levantar más la casa, llave de madera de edificio*; 2) **og yta**, **og kyta** T:383, 384 *estantes del medio, horcón*; 3) **og apyryta upa**, **ijapyryta upa** T:383 *estante del medio*.

A cumeeira: 1) **og apyryta** T:383, V:124 *cumbra, cumbra gruesa*; 2) **og apýra** V:124 *cumbre, caballete de la casa*; 3) **óg apyterakua** V:80 *caballete, cumbre de tejado* (**apy** T:73 *punta, fin de la cosa, principio*; **pyte** T:482, V:366 *sobre*; **apyterakua** T:61 *la coronilla, extremo, o sumo de las cosas, chapitel*). Os caibros apoiados na cumeeira eram travados com uma cumeeira sobreposta, de menor diâmetro: **og apyryta jo´a** T:383, V:124 *cumbrellilla que ponen sobre la principal, cumbra pequeña sobre la grande*. Sobre a cumeeira, se instala uma cobertura para vedar o encontro das duas águas do teto: **og apyra [a]sojava** V:124 *la cobertura del caballete* (**asojáva** T:90 *tapadera*).

O teto teria um acabamento nos extremos, na parte exterior: **og revichúa** T:576 *remate de casa* (**tevi** T:576 *extremo por defuera*; **chúa** T:112 *el que está*): 1) **amboevichúa che róga** T:576 *poner cupial a la casa*; 2) **og rupia**, **og upia** T:383, V:197 *culata, cupial, fin, o culata de la casa*; 3) **og rupia pe** T:383 *culata chata* (plana) (*culata, la parte posterior ó más retirada de la cosa* [RAE, 1783, p. 299]).

A casa-longa poderia ter estruturas anexas na parte exterior, onde poderia realizar atividades diversas: **roguamby**, **og roguamby**, **og roguambype** T:499, V:29, 115 *alar de casa, corredor de casa, cobertizo* (**aogmorũguamby** V:29 *alar hacer*; **og roguamby rupi** T:383 *por los alares de la casa, por debajo*). Sem tais estruturas se diria: **ndahoguambypéi che róga** T:499 *no tiene cupial mi casa, ni alar* (*alar, lo mismo que alero de tejado; alero, aquella parte del tejado que sale fuera de la pared para desviar de ella las aguas llovedizas* (RAE, 1783, p. 38-47).

A estrutura da casa tinha tesouras, definidas como **og poti'a yta, poti'a yta** T:383, 450 *palo que ponen debajo de las tijeras, palos que ponen sobre la cumbrera como tijeras para poner sobre ellos otra cumbrerilla para levantar la casa*. As tesouras também foram registradas como estruturantes dos caibros, com o termo referindo o apoio deles na cumeeira: **og ñarukāng rupáva** T:383 *tijeras*. E, ainda, há registro sobre os ruídos e rangidos da estrutura em dias ventosos: **og parará** T:383 *tijeras* (**parará** T:397, V:355 *ruído*; **narará** T:344 *hacer ruído las cosas con el aire*).

Os pilares centrais eram ladeados por duas colunas de pilares periféricos que davam a forma retangular da planta baixa: **og retyma kāng** T:383 *postes de los lados*. Sobre os pilares periféricos era instalado o vigamento: 1) **guambyta** T:127, V:368 *solera de la casa*; 2) **og guambyta** T:383 *cumbreras de los lados, soleras*; 2) **og roguambyta** T:383 *los palos del sobrado*; 3) **guarapemby** T:129 *sobrado de la casa*; 4) **og guarapemby** T:383, V:366 *sobrado, sobrado de casa*. Eles escoravam os caibros: **guarapemby ryta** T:129 *los palos en que están las cañas del sobrado*. E quando essa etapa era concluída diziam: **amoguambyta che róga** T:127 *ya he puesto las soleras de mi casa*.

As vigas eram conectadas e travadas com travessas: 1) **guarapemby yta** V:61 *atraviesas del sobrado de la casa*; 2) **tasapáva, hasapáva** T:530, V:61 *atraviesa, atravesado* (**hasa** T:150 *cosa atravesada*).

Os caibros eram inseridos em poços, cuja fixação da sua base servia para dar a curvatura ogival ao arco da cobertura da casa. Os caibros eram vergados e apoiados em dois pontos fixos, nas vigas laterais e fixados e travados entre a cumeeira e a cumeeira pequena, chamados de “costelas da casa”: 1) **og ñarukāng** T:363 *varas, fajas, o cintas de la casa* (**ñarukāng** T:363, V:118 *costillas*); 2) **añarukāngua che róga** T:383 *poner cintas en las tijeras*. Não há registro específico sobre fixar a base do caibro no solo, enterrando-o, porém existem referências genéricas: **ambovyvypy** V:225 *hincar palos en la tierra*; **ambovyvsog** V:225 *hincar palo haciendo con él el hoyo*. Sobre o arqueamento dos caibros, há várias expressões: 1) **yvyra karapa** T:241, 652 *palos arqueados, arcos de madera, palo tuerto* (**karapa** T:241 *cosa tuerta, arqueada*); 2) **ambovyvra pygua** T:470 *hacer arco de palo*; 3) **yvyra pygua** T:470 *palo arqueado* (**pygua** T:470 *cosa en arcada*; **pyguarĩ** T:470 *arquear*; **ambopyguarĩ yvyra'í** T:470 *arquear varas*). As madeiras pouco flexíveis ofereceriam

dificuldades: **yvyrakuã** V:344 *recio arco, o vara que no se doblega*; **yvyra pygua rai** T:470 *arco de palo mal arqueado*. Eventualmente, a altura do arco não seria a desejada: **yjyvy'ỹ che roga** T:655 *está muy baja mi casa*.

Após a sua instalação, os caibros eram recobertos por linhas paralelas de ripas, mais ou menos próximas conforme o material de cobertura. Geralmente eram varas cilíndricas e longilíneas de pequeno diâmetro ou taquaras: 1) **ajeog ñarukãng mboja** T:382-383 *poner latas a la casa*; 2) **peteĩ teĩ ñarukãng amoĩ** T:363 *poner latas de una en una*; 3) **amoñarukãng esakãng, amoñarukãng pokãng** T:363 *poner latas apartadas*; 4) **amoñarukã mby'í** T:363 *poner latas menudas*. As ripas eram afastadas quando se usava as folhas de palmeira, às vezes nem eram usadas, pois a raque servia como elemento estruturante horizontal. Porém, as ripas eram aproximadas para fixar a palha (c. 50cm de intervalo nas casas Kayowá contemporâneas).

Se as ripas ainda não estivessem colocadas, diria: **niñarukãnguahávi che róga** T:363 *aún no tiene latas mi casa*. As ripas eram fixadas: **og ñarukãng mbo'aháva** T:383 *cuerdas o ysypo para atar las latas de la casa*.

A casa tinha as aberturas colocadas entre dois caibros: **okẽ mbopy** T:440 *los lados de la puerta*. A porta era chamada **okẽ** T:386, V:334 *puerta*; e, se diria **che rokẽna** T:386, V:334 *mi puerta*. Funcionando como batentes laterais, os caibros tinham presos neles o **okẽ apyryta** T:386 *umbral* e o **og vyte rusu** T:383, V:328 *portal*. **Ytapa rasapáva** T:644 *el palo que se pone en la puerta, atravesado*.

Os registros históricos mostram que não havia divisões internas e nem paredes, embora exista, especificamente para contextos coloniais, o registro **yvyatã** V:308 *pared* (parede de taipa), **takua pemby** T:405, 525, V:189, 406 *estera de cañas, zarzo, o atajadizo de cañas*.

O nome “casa” tem outros significados, incluindo o teto como o lugar que abriga, que permite a pessoas se “encerrarem”, protegerem: 1) **og** T:383, V:92 *cosa con que se tapa, paja de la casa, y significa casa, tomando la parte por el todo*; 2) **og asojáva** T:383, 384, V:121, 375 *techo, cubierta de casa*. A construção, “fazer” o teto: **ajaso'í che róga** V:374 *techar* (**ajaso'í** V:374 *tapar*; **og** T:382 *tapar, encerrar*). A casa poderia, por estar bem vedada ou situada em lugar pouco arejado: **og ipévae** T:383 *casa de poca corriente*.

Os principais materiais da cobertura eram folhas de palmeiras e hastes de canáceas, chamadas de “capim” no Brasil, eventualmente era usadas cascas de

árvores. Os europeus descreveram como “palha” o material da cobertura, mesmo quando eram usadas folhas de palmeiras, simplificando a detalhada taxonomia Guaraní para distinguir e especificar as matérias-primas.

Cascas: **ypekue areko che rógamo** T:639 *tengo mi casa cubierta con cáscaras de árboles*; **yvyra apekue** T:652 *cáscara de árbol*.

Folhas pinadas de várias espécies (SODRÉ, 2005), preferencialmente: **jujy** T:218, V:305 *palma conocida (Euterpe edulis)*; **jujyvo** T:218 *hojas de esta palma con que cubren las casas*; **pindóva** T:417, V:342 *ramos de palma (Syagrus roman-zoffiana)*; **karanda’y yvo** T:241 *hojas de palma*. Conforme Claudio Ruyer, contemporâneo de Montoya, os Guaraní usavam

[...] alguna paja para cubrir las casas (aunque pocos usan de ella), porque tienen otra cosa a manera de palmas que llaman **juji**, que nace 3 o 4 jornadas el río arriba”; con lo cual hacen empleitas de 5 o 6 palmos de ancho **y, por la parte de abajo, que es de la casa parecen esteras** y no tienen goteras lo cual fortalecido con el fuego que ordinariamente hacen debajo dura 5 o 6 años. (RUYER, 1970, p. 72).

Para obter a aparência de *esteras*, quando vistas dentro da casa, se deveriam usar folhas pinadas de palmeira, instaladas enquanto estavam verdes. Elas eram posicionadas com a raque na horizontal, para funcionarem também como elemento estruturante amarrado nos caibros e ripas. A cobertura se dá com os folíolos apontados para baixo, com os da face superior dobrados para baixo, com os extremos da folha eram extirpados para formar painéis planos, configurando as *esteras* (cf. o exemplo dos Asuriní do Xingu no documentário de Vinicius Berger, Thiago Oliveira e Fábio Nascimento, “Tavyva. casa grande Asurini”, 2016- <https://vimeo.com/208390585>. Figura 5).



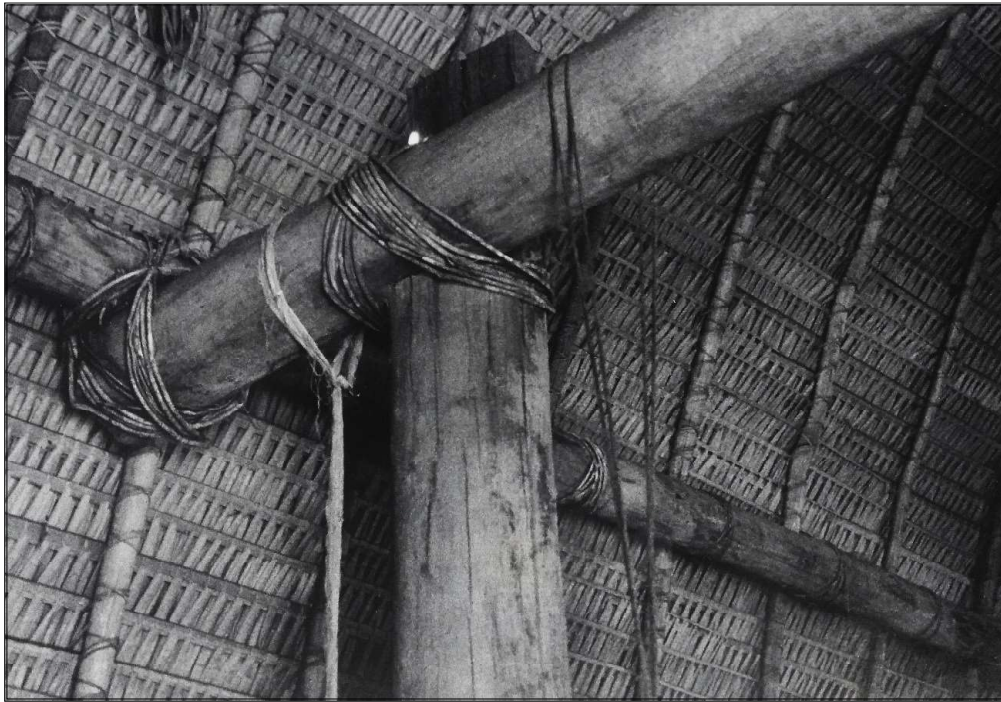
Figura 5 - Instalação de folhas pinadas, exemplo Asurini do Xingu



Fonte: Documentário “Tavyva: casa grande Asurini”, 2016

As folhas são sobrepostas em linhas paralelas para dar acabamento e isolamento. Os registros de Montoya e o relato de Ruyter sugerem que o método construtivo do painel Guaraní é similar ao dos Asurini do Xingu, cujas imagens mostram 8-10 folhas sobrepostas por metro quadrado (Figura 6). Como o comprimento das folhas é variável conforme a espécie e a maturação de cada folha (1,5 a 5 metros), a diferença é compensada ao longo do espaço recoberto. É provável que a *Euterpe edulis* fosse a preferida, sendo abatida pelas folhas e pelo palmito, resultando em matéria-prima e alimento (para uso nas refeições de quem colaborava na construção). As demais palmeiras também poderiam ser exploradas, mas a extração seria através da poda das folhas. Para tapar uma casa na dimensão sugerida acima, com aproximadamente 1.171 m<sup>2</sup> de área coberta, considerando 8-10 folhas de palmeiras sobrepostas a cada 2 m<sup>2</sup>, são necessárias aproximadamente 5.850 peças.

Figura 6 - “y, por la parte de abajo, que es de la casa parecen esteras [...]”  
8-10 folhas por metro quadrado, e exemplos de amarrações dos componentes estruturais e da cobertura (interior de construção Asurini do Xingu)



Fonte: Foto de Jacques Jangoux, 1978.

Palha (sapé, capim): *ñũ pype ajaho’í che róga* T:378 *con paja cobrí mi casa; ajeog mboja* T:382  *cubro mi casa con paja; (ñũ T:378 campo, y la paja de él)*. O telhado coberto de sapé: *kapi’i óga* T:238  *casa pajiza (kapi’i T:238, V:221, 304, paja, heno)*. Algumas estruturas poderiam ser cobertas com toldos de juncos: *piri og* T:419, V:382  *toldo de esteras (piri, piri pemby T:419, V:189 estera de junco, estera de enea, piri pepẽ V:170 enea, junco)*. Coletar o sapé: 1) *akapi’ipo’og* T:238, V:304 *arrancar paja*; 2) *aha kapi’i po’oguávo* T:238 *voy a coger paja*. O coletor: *kapi’i po’ohára* T:238 *el que la coge*. Eventualmente, poderiam ser usados como quebra-vento nas paredes. Se poderia abrir um espaço entre as palhas da cobertura: *og amboguy guia’ẽmo, aipeka, aipepi, ipuipugue rupi ama’ẽ* V:278 *mirar por entre las pajas de la casa, a los de dentro*.

As palhas provinham de diferentes espécies de poáceas, especialmente do gênero *Andropogon* L. Primeiro, elas deveriam ser colhidas nos campos ou beira

d'água, dependendo das espécies disponíveis. Depois era preciso coletá-las: **aipo'ó kapi'i, akapi'i mondorog, akapi'ipo'og** V:52, 304 *arrancar paja*. Depois eram secas e organizadas em maços amarrados em uma de suas extremidades: 1) **añakãpe, añakãby, añakã mby kapi'i** T:25, V:59 *atar las cabezas de la paja, atar las cabezas de la paja para empleitas, etc*; 2) **añeakã mby kapi'i** T:26, 455 *apretar, atar la paja por las cabezas, hacer empleitas de pajas entre dos palos*; 3) **og pemby** T:402, V:166 *empleitas para casas (pẽ T:402 zarzo, empleitas; y vemby T:647, V:406 atajadizo, zarzo)*; 4) **mbaja** T:327, V:166 *empleitas grandes de paja [fajas o tiras de paja] que sirven de reparo en las casas*. Quando iam formando o telhado, diriam: **og pẽháva** T:383 *empleitas de paja [mazos de paja unidos entre sí]*. Quando estava funcionando, não havia goteiras: 1) **oivyva rurúramo ndotykyriséne** T:419 *cuando está la estera mojada no se pasa del agua*; 2) **oivyva rurúramo ndotykyri** T:419 *estando hinchada la estera no se llueve*; 3) **ijaku'i katu che róga** T:29 *está enjuta mi casa*. Por exemplo, para cobrir os 1.171 m<sup>2</sup> de área coberta do exemplo usado mais acima, são necessárias cerca de 11,7 toneladas palha (carga = c. 10kg m<sup>2</sup>).

Em todo o caso, não era tarefa simples reunir matéria-prima. A referência de Ruyer (1970, p. 72) deixa claro a dificuldade para reunir a quantidade necessária de palha para cobrir a casa-longa:

[...] todos es monte cerrado sin campo ninguno, sino es alguna mancha pequeña de dos o tres cuadras en que se cría alguna paja para cubrir las casas (aunque pocos usan de ella) porque tienen otra cosa a manera de palmas que llaman juji, que nace 3 o 4 jornadas el río arriba. (RUYER, 1970, p. 72)

O telhado ia da cumeeira ao solo como uma peça única, não havendo uma parede. A área de contato com o solo se chama **og kypy, og ypygua** T:383 *rincón de la casa, y todo alrededor de ella por el suelo (kypy T:285 rincón); hokypy, okypy* T:172, V:352 *rincón, rincón de casa (y todo a la redonda de la casa a raíz de la tapia y suelo – no caso da tapia, para a fundação de construções coloniais de alvenaria)*. Algo comum; **og rokypy rupi amoĩ** T:172 *púselo en el rincón de la casa*.

A cobertura da casa poderia apresentar problemas: 1) **otyky che róga** T:606 *gotéase mi casa*; 2) **og otyky ei** V:208 *goterosa casa (otyky V:208 gotear)*; 3) **che rog otyky** V:374 *[mĩ] techo lloverse*. As causas seriam desgaste ou vento: 1) **ijug ymã che róga** V:179 *envejecerse la paja de la casa*; 2) **yvytu okaguai che róga** T:232 *maltrata el viento mi casa*; 3) **yvytu og oipepi** T:405 *levanta el viento*

la paja de la casa; 4) **yvytu omboaperera che róga, yvytu omboapenũ** T:383 *el viento ha descompuesto mi casa*; 5) **óga aperera, og penũ** T:383 *techo de paja descompuesto por el aire*; 6) **omboaperera, omboapenũ** V:144 *descomponer el cabello, o paja de la casa el aire*.

O teto poderia ruir: 1) **amongúi** V:148 *deshacer el techo*; 2) **okúi che roga, ijapakúi che róga** T:57, 273, V:374 *techo deshacerse, cáseme mi casa (kúi T:273 caerse; apakúi T:57, V:82 caer, derrocar, desmoronar)*. O desmoronamento da casa: 1) **ojeapara óga** V:83 *caerse el edificio*; 2) **ijapipe che rog che áramo** T:66 *cayóseme la casa encima*. O próprio morador poderia derrubar ou desmontar a sua casa: **amboypypo che roga** T:641 *he derrocado mi casa (amboai V:147 deshacer)*; 2) **amboapakúi che róga** T:57 *deshago mi casa*. Toda a aldeia poderia ser derrubada: **ta eitypýra, ta imboaipýra** V:54 *arruinado pueblo*; **táve itypýra** T:519 *pueblo asolado (ta T:519 pueblo)*.

O prédio poderia ser observado por diversos ângulos: **og rovái** T:383 *en frente de la casa (továi T:590, V:200 enfrente, frente)*; **og kupe** T:278, V:152 *la culata de la casa, detrás de casa, etc (kupe T:278 el envés, lo de trás)*; **og rovapyguýri ahechag** T:383 *mirar por debajo de la casa*. O canto extremo da residência: **og revichuã** T:577 *esquina de la casa (chuã T:112 cosa aguda; akuã, pẽ T:28, 402, V:187 esquina)*.

As casas poderiam ter cercas, mas parece ser apenas no período colonial: **che rog rokára añopẽ** T:402 *cerqué mi casa*; **niñopẽhávi che róga** T:402 *no tengo cercada mi casa*.

A aldeia abandonada: **tape** T:528 *lugar donde estuvo el pueblo*; **tapéra, taguéra, tavakuéra** T:520, V:334 *lugar en que estuvo algún pueblo, pueblo des-poblado*; **che taperéra** T:528 *mi pueblo que fue*.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem da residência e da casa-longa é vasta, com certeza muito mais ampla e detalhada do que se apresentou aqui em seus aspectos arquitetônicos e sociais. Acredito que ainda há muito mais conteúdo para ser conhecido, certamente um tema de interesse central para as novas gerações Guaraní, que têm muito para ensinar aos juruá.

O tema é muito relevante para compreender o lugar da residência, em termos sócio-ambientais e cosmológicos, que envolvem conhecimentos específicos transmitidos entre as gerações, conforme as políticas de consideração e colaboração que unem as pessoas em comunidades autossustentadas. É um sinal de que há relação entre os lugares, os meios materiais e as pessoas, de que a terra e a vegetação são cuidadosamente manejadas conforme o **ñande reko** Guaraní.

## **AGRADECIMENTOS**

Este artigo começou com uma pergunta feita a duas pessoas importantes para mim: como era a aldeia Guaraní? Em meados de 1986, José Brochado me disse que as fontes históricas tinham mais informação que as arqueológicas; poucos meses depois Bartomeu Melià respondeu o mesmo, enfatizando que eu encontraria mais informações entre os próprios Guaraní, se perguntasse a eles. Mas destacou, percebendo o meu interesse no passado, que a mais completa fonte que eu deveria usar era Montoya. A primeira resposta para eles foi apresentada na minha dissertação de mestrado em 1993, quando tive o apoio dedicado de Beatriz dos Santos Landa e André Luis Ramos Soares para ordenar um banco de dados com a transcrição de Montoya. Agora tive o benefício das sugestões e colaborações de Marianne Sallum, Ana Suelly Cabral, Angela Buarque, Agda Sardinha, Orivaldo Nunes Júnior, Jonas Gregório de Sousa e Cleberson Moura. A Andrea Bacchini e Ricardo Mauzer pelos cálculos arquitetônicos. Também tive apoio dos pareceristas e seus comentários que me ajudaram a aperfeiçoar o texto. Os desenhos de Alexandre Viana e as fotografias gentilmente cedidas por Jacques Jangoux, representam com precisão muitos detalhes, sendo referências para compreender aspectos da arquitetura e da espacialidade.

## **REFERÊNCIAS**

ANDRADA, F. *Carta del presbítero F. de Andrada* - Asunción, 1 de marzo de 1545: documentos históricos y geográficos relativos a la conquista y colonización rioplatense. [volume 2]. Buenos Aires: Casa J. Peuser, 1941. p. 415-418.

BLUTEAU, R. *Vocabulario Portuguez & Latino*: aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico...[volume 5]. Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1716.

BONOMO, M.; ANGRIZANI, R. C.; APOLINAIRE, E.; NOELLI, F. S. A model for the Guaraní

expansion in the La Plata Basin and littoral zone of southern Brazil. *Quaternary International*, Amsterdam, v. 356, n. 21, 2015. DOI: <http://doi.org/10.1016/j.quaint.2014.10.050>

CABEZA DE VACA, A. N. *Relación de los naufragios y comentarios de Alvar Núñez Cabeza de Vaca, adelantado del Río de la Plata*. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1906.

CARRINHO, R. G. *Habitação de interesse social em aldeias indígenas: uma abordagem sobre o ambiente construído Mbyá-Guaraní no litoral de Santa Catarina*. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

CARTA ânua do estado das reduções da Província do Paraguai nos anos de 1626 e 1627: Córdoba, 12 de novembro de 1628. In: CORTESÃO, J. (Org.). *Jesuítas e bandeirantes no Guairá (1549-1640)*: manuscritos da coleção Angelis. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951a. p. 203-58.

CARTA ânua do padre Antonio Ruiz, superior da missão do Guairá. dirigida em 1628 ao padre Nicolau Duran, provincial da companhia de Jesus. In: CORTESÃO, J. (Org.). *Jesuítas e bandeirantes no Guairá (1549-1640)*: manuscritos da coleção Angelis. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951b. p. 259-298.

COSTA, C. Z.; LADEIRA, M. I. Guaraní. In: OLIVER, P. (Org.). *Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 1692-1693.

COSTA, C. Z. O desenho cultural da arquitetura Guaraní. *Pós Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo a FAUUSP*, São Paulo, n. 4, p. 113-130, 1993.

DESPRET, Vinciane. From Secret Agents to Interagency. *History and Theory*, Middletown, v. 52, n. 4, p. 29–44, 2013.

D'ORBIGNY, A. *L'homme américain (de l'Amérique méridionale) considéré sous ses rapports physiologiques et moraux*. Paris: Chez Pitois-Levrault et C., 1839.

DURÁN, N. M. Carta anua de la Provincia del Paraguay (1626-1627). In: LEONHARDT, C. (Org.). *Documentos para la Historia Argentina, Iglesia: Cartas anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de la Compañía de Jesús (1615-1637)*, v. 20. Buenos Aires: Casa J. Peuser, 1929, p. 223-384.

DRUMOND, C. *Vocabulário da Língua Brasilica* [VLB]. São Paulo: FFLCH/USP, 1952-1953.

FAUSTO, C. Fragmentos de história e cultura Tupinambá. Da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico. In: CUNHA, M. C. (Ed.). *História dos Índios no*

*Che rog pypia aje katu! A linguagem da casa-longa Guaraní no século XVII*

Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1992. p. 381-396.

FERNANDES, F. *Organização social dos Tupinambá*. São Paulo: Difel, 1963.

GONZÁLEZ, R. Carta anua de la reducción de San Ignacio del Paraná, 8 de octubre 1613. In: MORENO, F. M.; CARBONELL DE MASY, R.; MIRANDA, T. R. *Roque González de Santa Cruz, Alfonso Rodríguez y Juan del Castillo: Para que los indios sean libres*. Asunción: Centro de Espiritualidad Santos Mártires, 1994. p. 33-48.

GUZMÁN, R. D. Argentina. *Historia del descubrimiento y conquista del Río de la Plata de Ruy Díaz de Guzmán*. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2012.

INFORME de um jesuíta anônimo sobre as cidades do Paraguai e do Guaira Espanhóis, índios e mestiços- Dezembro, 1620. In: CORTESÃO, J. (Org.). *Jesuítas e bandeirantes no Guairá (1549-1640): manuscritos da coleção Angelis*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951. p. 162-174.

KELLY, J. A.; MATOS, M. A. Política da consideração: ação e influência nas terras baixas da América do Sul. *Mana – Estudos de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 391-426, 2019.

LADEIRA, M. I. *O Caminhar sobre Luz: o Território Mbya à Beira do Oceano*. São Paulo: PUC-SP, 1992.

LIZÁRRAGA, R. *Descripción breve de toda la tierra del Perú, Tucumán, Río de La Plata y Chile*. [volume 2]. Madrid: Bailly-Baillière y hijos, 1909.

LÖWY, M. “A contrapelo”. A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940). *Lutas Sociais*, São Paulo, n. 25-26, p. 20-28, 2011.

MALHANO, H. B.; COSTA, M. H. F. Habitação indígena brasileira. In: RIBEIRO, D. (Org.). *Suma Etnológica Brasileira: tecnologia indígena*. [volume 2]. Petrópolis: Vozes; FINEP, 1986.

MASCARO, L. Guaraní: house. In: OLIVER, Paul (Ed.). *Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 1693.

MÉTRAUX, A. *La civilisation matérielle des Tupi-Guaraní*. Paris: Librairie Orientaliste, 1928.

MELIÀ, Bartomeu. Potirõ: las formas del trabajo entre los Guaraní antiguos «reducidos» y modernos. *Revista Complutense de Historia de América*, Madrid, n. 22, p. 183-208, 1996.

MELIÀ, B. *El Guaraní conquistado y reducido: ensayos de etnohistoria*. Asunción: CEPAG,

1986.

MONTOYA, A. R. *Tesoro de la lengua Guaraní*. Asunción: CEPAG, 2011.

MONTOYA, A. R. *Vocabulario de la lengua Guaraní*. Asunción: CEPAG, 2002.

MONTOYA, A. R. *Tesoro de la lengua Guaraní*. Madrid: Juan Sánchez, 1639.

NOELLI, F. S.; VOTRE, G. C.; SANTOS, M. C. P.; PAVEI, D. D.; CAMPOS, J. B. Ñande reko: fundamentos dos conhecimentos tradicionais ambientais Guaraní. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 11, n. 1, p. 13-45. 2019.

NOELLI, F. S. *Sem Tekohá não há Tekó*: em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guaraní aplicado a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

OVIEDO, G. F. *Historia general y natural de las Indias, islas y tierra-firme del mar océano*. Madrid: Imprenta de la Real Academia de la Historia, 1852.

PANICH, L. M.; ALLEN, R.; GALVAN, A. The Archaeology of Native American Persistence at Mission San José. *Journal of California and Great Basin Anthropology*, Banning, v. 38, n. 1, p. 11–29, 2018.

PERASSO, J.; VERA, J. *La Cultura Guaraní en el Paraguay Contemporáneo*. (Etnografía Ava-Kue-Chiripa). Asunción: RP Ediciones, 1988.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA [RAE]. *Diccionario de la lengua castellana/compuesto por la Real Academia Española, reducido a un tomo para su más fácil uso*. Madrid: Joaquín Ibarra, 1783.

RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. A. C. Tupían. In: CAMPBELL, L.; GRONDONA, V. (Org.). *The indigenous languages of South America: A Comprehensive Guide*. [volume 2]. Boston: Moutnoellion de Gruyter, 2012. p. 495-574.

RUYER, C. Carta ânua da redução de Santa Maria do Iguazu, pelo padre Cláudio Ruyer. In: VIANNA, H. (Org.). *Manuscritos da Coleção de Angelis: Jesuítas e bandeirantes no Uruguai (1611-1758)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1970. p. 72-74.

SALLUM, M.; NOELLI, F. S. “Politics of regard” and the meaning of things: the persistence of ceramic and agroforestry practices by women in São Paulo. In: PANICH, L. M.; GONZALEZ S. L. (Ed.). *Handbook of the Archaeology of Indigenous-Colonial Interaction in the Americas*.



New York: Routledge, 2021. p. 338-356. [Tradução publicada nos Cadernos do Lepaarq, v. 19, n. 37, 2022].

SCHADEN, E. *Aspectos fundamentais da cultura Guaraní*. São Paulo: E.P.U., 1974.

SILLIMAN, S. W. Change and Continuity, Practice and Memory: Native American Persistence in Colonial New England. *American Antiquity*, Cambridge, v. 74, n. 2, p. 211–230, 2009.

SODRÉ, J. B. *Morfologia das palmeiras como meio de identificação e uso paisagístico*. Lavras: UFLA, 2005.

STADEN, H. *Warhaftige Historia*. Marburg: Andres Kolben, 1557.

SUSNIK, B. *Los Aborígenes del Paraguay: etnohistoria de los Guaraníes- época colonial*. [volume 2]. Asunción: Museo Etnográfico Andrés Barbero, 1979.

TECHO, N. *Historiæ provinciæ Paraquariæ Societatis Jesu*. Liège: Joan. Mathiae Hovii, 1673.

TORRES, D. Quinta carta anua de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán [del año 1613]. Santiago de Chile, febrero de 1613. In: LEONHARDT, C. (Org). *Documentos para la historia Argentina, Iglesia: cartas anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de la Compañía de Jesús (1609-1614)*. [Tomo XIX]. Buenos Aires: Casa Jacobo Peuser, 1927a. p. 264-437.

TORRES, D. Primera carta anua de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán. Santiago de Chile, mayo de 1609. In: LEONHARDT, C. (Org.). *Documentos para la Historia Argentina, Iglesia: cartas anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de la Compañía de Jesús (1609-1614)*. [Tomo XIX]. Buenos Aires: Casa Jacobo Peuser, 1927b. p. 3-40.

VAN SUERCK, J. Aux. P.P. et aux F.F. du collège de Louvain. In: CÁRDIFF, G. F. *Justo van Suerck y su carta sobre Buenos Aires*. Buenos Aires: Ediciones Theoria, 1963.

WATSON, V. An ethnographic account of contemporary Cayuá Indian architecture. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v. 9, p. 235-245, 1955.

### **Sobre o autor:**

**Francisco Silva Noelli:** Doutorando em Arqueologia (FLUL) e investigador do Centro de Arqueologia (UNIARQ) na Universidade de Lisboa, bolsista FCT. Pesquisador visitante do Departamento de Antropologia da University of Massachusetts-Boston, e do Laboratório Laboratório

Francisco Silva NOELLI

Interdisciplinar de Pesquisas em Evolução, Cultura e Meio Ambiente (LEVOC/MAE) na Universidade de São Paulo (USP). **E-mail:** francisconoelli@edu.ulisboa.pt, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-0267-583X>

Recebido em: 20/09/2021

Aprovado para publicação: 23/06/2022